

Primavera gelada

PROTESTOS TOMAM AS RUAS DA RÚSSIA DEPOIS DE DENÚNCIAS DE FRAUDE ELEITORAL

Por Bruno Scatena

O jornalista brasileiro Solly Boussidan, de 31 anos, estava no hotel em que se hospedara na cidade russa de Sochi, próxima à fronteira com a Geórgia, quando sete policiais entraram em seu quarto. Era 25 de janeiro de 2011, o dia após o atentado no aeroporto moscovita de Domodedovo, que havia deixado pelo menos 35 mortos e mais de uma centena de feridos. Ele não sabia àquela altura, mas começava ali o episódio que alinharia o seu ao destino de vários outros jornalistas, empresários, opositores de Vladimir Putin e todo tipo de pessoa que, por algum motivo, incomoda a classe política encastelada no Kremlin.

Solly estava na Rússia de passagem, ficaria apenas 10 dias e aproveitava o tempo para reunir algumas informações sobre turismo na região e as Olimpíadas de Inverno, que teria sede ali em 2014. Entrara em território russo identificando-se como jornalista, carregava alguns de seus artigos como amostra de seu trabalho, e falara com a prefeitura de Sochi em busca de informações e contatos, como é comum aos jornalistas estrangeiros. Não havia como imaginar que o formulário padrão de contatos com a mídia, preenchido no mesmo dia do atentado em Moscou por ocasião das solicitações de Solly à prefeitura, alertaria a polícia de imigração.

“Todos os meus movimentos eram registrados desde que entrei em território russo. Se você muda de lugar, mesmo que de um hotel para outro na mesma cidade, é preciso registrar na delegacia. É um comportamento comum com estrangeiros, mas com jornalistas a desconfiança é maior. Não somos bem quistos em várias partes no mundo e a Rússia é uma delas”, diz Solly calmamente, quase um ano depois do ocorrido. O episódio que o levaria para a cadeia em terras estrangeiras, sem banho e sem comida digna de um ser humano, parece não afetá-lo enquanto relata o martírio com detalhes. Mas a realidade opressiva do país que emergiu em 1991 depois de sete décadas de União Soviética deve ter ficado impresso em sua memória.

“Não tinha planejado ir à Rússia e certamente não havia como eu saber que haveria um atentado durante a minha estadia. Não estava ali para investigar coisa alguma. Tive uma folga entre algumas matérias de turismo que produzia e estava seguindo caminho para a Armênia. Minha ida à Rússia foi puramente circunstancial e a reação das autoridades russas foi absolutamente exagerada. Mas não foi um acaso. Não se pode dizer que esse tipo de coisa seja incomum na Rússia hoje.”

Solly conta que foi levado à delegacia e interrogado por mais de 12 horas. Falava muito pouco do russo e a polícia deu-lhe como intérprete a desavisada recepcionista do hotel em que estava. Não restava nada que pudessem fazer, nem a Solly, nem à moça transformada em personagem de um imbróglia diplomático a contragosto. “Acho que

Dezenas de milhares de russos protestam contra indícios de manipulação que deu vitória ao partido de Putin no parlamento



O brasileiro Solly Boussidan foi alvo da polícia do ex-agente da KGB e atual primeiro-ministro russo Vladimir Putin



para quem vive no país as coisas são mais difíceis. Eles se sentem mais paranoicos, tanto em relação aos estrangeiros quanto ao próprio Estado. Para um jornalista estrangeiro, o máximo que pode acontecer é ser deportado. Os próprios policiais que me prenderam achavam que eu poderia levar apenas uma multa, ou que me dariam um prazo para deixar o país. Antes do julgamento, eu não achava que aquilo tomaria aquelas proporções”.

Solly foi preso, julgado e condenado no mesmo dia, 25 de janeiro. Seria deportado e esperaria a hora de ir embora na cadeia – seriam dez dias. Como defesa, a Solly foi dado uma advogada pública que, ele conta, nunca mais viu depois que as partes se recolheram para as deliberações. O juiz imputou-lhe draconianamente o crime de “atividade jornalística ilegal” por ter enviado para a redação do portal brasileiro de notícias Terra, com que sempre trabalhou, algumas notas a respeito

do atentado em Moscou, principalmente sobre o que já falavam os veículos russos de comunicação. Nada que pudesse fazer o Kremlin corar diante da opinião mundial mais do que aquilo que já alimentava as agências de notícias pelo mundo. Mas o atentado havia sido atribuído a rebeldes islâmicos no Cáucaso. O tema incomoda o aparelho estatal russo e, somado à paranoia endêmica na Rússia do primeiro ministro Putin – a verdadeira força por trás do presidente Dimitri Medvedev –, deve ter pesado na caneta do magistrado que julgou Solly.

Mãe Rússia está doente – O acontecimento que levou Solly Boussidan à cadeia junto com imigrantes armênios e massagistas vietnamitas (essas conquistaram a liberdade antes de Solly, pulando o muro do cárcere) não é incomum na Rússia contemporânea. Os episódios de repressão

são constantes e incluem perseguições a jornalistas, ruína financeira de empresários dissidentes, prisões arbitrarias de opositores e lideranças partidárias contrárias a Putin, além de sérias acusações de assassinato. Mas como os russos, tão orgulhosos da Mãe Rússia, herdeiros da tradição revolucionária que derrubou o czarismo em nome de uma nova realidade política, podem conviver com o vilipêndio da democracia e o sequestro das liberdades individuais e coletivas? Como vivem embulhados pelos tentáculos do Rússia Unida, o todo poderoso partido que Putin, egresso do sombrio serviço secreto da União Soviética, a KGB, lidera?

Uma possível resposta seria esta: o povo russo vive a lidar com algumas das mais fortes contradições legadas pelo século 20. Em primeiro lugar, grande parte da população mais velha é traumatizada pelo totalitarismo soviético que acabou por solapar a revolução bolchevique. Os mais jovens, se não lembram dos horrores perpetrados pelo Estado do camarada Josef Stálin, têm vívidos na memória os seus pais enfrentando filas com seus cartões de racionamento, cruéis produtos da hiperinflação que dizimou a economia russa depois da debandada das repúblicas soviéticas, com o Acordo de Belavezha, em 1991.

Além disso, é comum em grande parte da população o sentimento de desconfiança em relação ao ocidente, principalmente aos EUA e à Europa ocidental. Seria difícil encontrar um russo que lembre com alguma nostalgia a última década do século XX, ainda que ela tenha assistido ao fim da União Soviética – o que, para muitos, seria o caso de comemorar. Mas assim como a queda do Muro de Berlim e a dissolução da pátria soviética

foram grandes símbolos do crepúsculo do século passado, também uma palavra está na ponta da língua dos cidadãos da Mãe Rússia ao se referirem àqueles tempos: **bardak** – o caos. Completamente disponíveis à economia de mercado, as estatais russas foram sucateadas a preços irrisórios, afundando o país na crise e elevando os preços dos itens mais básicos à estratosfera.

Não chegam a ser surpreendentes, portanto, os resultados da pesquisa feita pelo principal instituto independente daquele país, à época dos primeiros anos dos mandatos de Putin como presidente, em 2000 (ele ficaria no cargo de 1999 a 2008). Cerca de 80% dos russos preferiam ordem e estabilidade à democratização, segundo dados do Leveda Center. Em 2006, esse número seria reduzido, mas ainda representaria a maioria da população: 68%. Ainda que não se possa saber ao certo quão independente pode ser uma organização na Rússia, o fato é que estes resultados favoreciam a coalizão em torno de Putin, que representaria o reestabelecimento da ordem, ainda que às custas da corrupção endêmica, da autocracia estatal e partidária e da violenta repressão às liberdades do povo. E os exemplos concretos dos resultados da pesquisa são evidentes.

“Se nosso partido não tivesse a maioria, teríamos discussões infundáveis. Teríamos que formar coalizões todos os anos só para aprovar o orçamento. Seria **bardak**”, disse à revista **Time** a bela Alena Arshinova, a jovem ex-modelo com PhD em sociologia que estampa as camisetas e pôsteres dos apoiadores da Moloday Gvardya, a nova guarda da Rússia Unida. A foto do semanário deixa entrever a firmeza das convicções de Arshinova, de 26 anos: os olhos de um verde azulado fixos

na lente da câmera, sem vestígios de incômodo ou hesitação por dizer o que iria dizer, **on the record**, para o correspondente que a entrevistava: “não quero que Putin fique até 2024 no poder. Quero ver renovação, gente nova”.

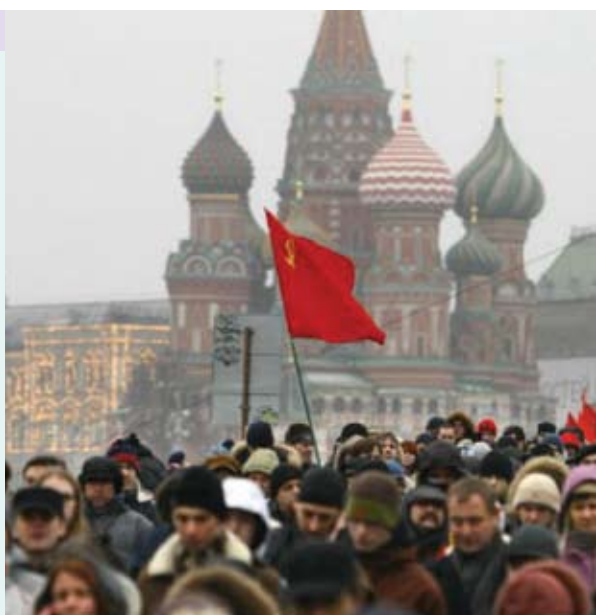
Mas Arshinova é ferrenha detratora de todos aqueles que se opõem ao seu partido. Na foto da **Time**, atrás de uma Alena com as mãos pousadas na cintura, feito a vibrante garota que cresce e desafia o pai, está o indefectível quadro com os czares do Rússia Unida: Putin em primeiro plano, Medvedev relegado ao segundo. E o primeiro ministro, como o pai que não cede nunca às ideias de emancipação da jovem filha, já deu sinais de que quem manda na Rússia é ele.

Putin avisou que vai disputar as eleições presidenciais de 2012 e poderá levar mais dois mandatos de 6 anos, principalmente se continuar a ser apoiado pelos mais velhos, traumatizados com o totalitarismo soviético, e os mais novos, que não têm nenhuma saudade dos arruinos neoliberais dos anos 90 que arruinaram o país liderado por Boris Yelstin. E poderá fazê-lo mesmo enfrentando uma crescente oposição que toma as ruas e praças em Moscou e São Petersburgo e lembra, para arquear pelo menos uma das sobranceiras do Kremlin, os levantes que reviraram os países árabes em 2011.

Primavera gelada – É inverno na gélida Rússia, mas nem o tempo severo tem impedido manifestações de se alastrarem de Moscou e São Petersburgo para outras partes do país. A autoimolação pela que passam os russos e serviram de estopim para a série de protestos que ocorre desde o fim de 2011 não é tão extrema como a de Mohamed Bouazizi, que ateou fogo ao próprio corpo na Tunísia. O sofrimento é de natureza simbólica: é terem tido que comparecer às urnas, no dia 4 de dezembro, para votarem em eleições legislativas com fortíssimos indícios de fraudes de todos os tipos. Mesmo assim, com acusações de manipulações de todas as sortes, Putin e o partido que lidera com mãos de ferro há mais de uma década perdeu espaço no parlamento.

O problema é que a Rússia continua sendo uma democracia **pro forma** e centenas de manifestantes já foram presos arbitrariamente, incluindo-se nessa conta líderes de partidos opositores como Eduard Limonov, o escritor que comanda o partido de esquerda Outra Rússia. Nem os partidos conservadores, associados à economia de mercado, foram poupados pelo Kremlin: Boris Nemstov, líder do União das Forças de Direita, também se juntou a Limonov na cadeia, durante as demonstrações contra a eleição legislativa que, apesar do enfraquecimento do Rússia Unida, ainda garantiu hegemonia ao partido de Putin.

Limonov e Nemstov foram soltos depois de alguns dias na prisão, mas centenas de outros manifestantes foram, estão e serão presos numa crise política que, até o fechamento desta reportagem, não dá sinais de arrefecer. Solly, o jornalista brasileiro, foi solto e entregue à Geórgia alguns dias depois, com ajuda da imprensa internacional e das embaixadas brasileira e alemã (tem dupla cidadania). Teve a mesma sorte dos líderes partidários. Sorte com que não contam as outras dezenas de milhares de manifestantes que terão o desafio de, além de escapar dos grilhões políticos do Kremlin, resgatar o espírito transformador e direcioná-lo para o caminho da democracia real e irrestrita.



Fotos: Reprodução



© Yuri Kozlyau/Time

Ex-modelo e socióloga Alena Arshinova**Até a nudez do corpo é usada para protestar na Rússia, onde as mulheres assumem a vanguarda**